

Os vizinhos. Um texto, no mínimo, intrigante. Leva-nos a associá-lo às questões que envolvem a literatura popular cômico carnavalesca. Incitou-me, pela sua leitura, a elaborar este outro texto,* graças à capciosa, sutil e inteligente associação, feita pelo escritor e psicanalista, **Luiz-Olyntho Telles da Silva**, de dois aspectos, entretecidos com o grande e tradicional tema da festa folclórica que é o *Carnaval: vizinhança e janela indiscreta*. Semanticamente, ambos se cruzam, conforme veremos.

Depois de citar o lugar onde mora, referindo aí o número 13 da sorte, um elemento mágico, e também aludir ao lugar onde morou quando criança, o autor provoca nossa atenção com este dado: *Mas os vizinhos, de modo geral, despertam uma grande curiosidade* (certamente, essa frase implica a questão: *Serão nossos iguais?*). Aí, logo traz o segundo aspecto, *janela indiscreta*, quando, numa sofisticada leitura cultural, alude ao romance original de Cornell Woolrich, ao mencionar a fala do personagem sobre a posição privilegiada que este ocupa como observador; para vigiar a vizinhança, atrelado numa cadeira de rodas e convencido de que houvera um assassinato, este diz: *Eu tinha um assento na tribuna de honra. Ou numa tribuna de honra pelo avesso. Eu só podia ver os bastidores, não a frente*. E aqui, para não nos alongarmos muito, caindo na digressão, intrigados, levantemos a questão: *Mas o que tem tudo isso a ver com o tema Carnaval?*

Ora, quem conhece a teoria bakhtiniana sobre a literatura cômica popular carnavalesca sabe que os festejos do Carnaval são *uma fuga provisória dos moldes da vida ordinária (isto é, oficial)*. Sua lei é a da *liberdade*, ignorando todo tipo de distinções, e seu caráter é *universal*, no sentido de ser, como comenta o teórico russo, *um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e sua renovação, dos quais participa o indivíduo*. Bakhtin informa que, na Idade Média, durante os festejos carnavalescos, atos e procissões lotavam as praças e ruas durante vários dias, assim como ocorria, por exemplo, com a festa dos tolos - *festa stultorum*. Essas festas tinham grande importância na vida do homem medieval. Acompanhados pelo *riso*, os *bufões* e *bobos* parodiavam os atos oficiais, como as eleições de rainhas e reis, e aqui, oportunamente, associemos: *numa tribuna de honra pelo avesso*. Comenta que tais ritos e espetáculos distinguiam-se notavelmente das formas do culto e cerimônias oficiais da Igreja e do Estado feudal, oferecendo uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente da não-oficial. Assim, conforme Bakhtin, pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida*, aos quais os homens da Idade Média pertenciam, o que implica a existência de uma dualidade no mundo, conforme observa. Bakhtin conclui que *aí é a própria vida que representa, e por certo tempo o jogo se transforma em vida real*. E agora voltemos para o solerte texto ulyssiano (parodiando o colega, escritor e psicanalista, Everaldo Junior, em situação de lapso semelhante, deixo aqui, propositadamente, passar esse meu equívoco), ou seja, voltemos agora para o **texto olynthiano**.

Ora, numa análise estrutural, podemos perceber que o primeiro tema, o tema da vizinhança, marca um lugar - *ser vizinho* implica uma posição de semelhança, de *paridade*, de ou seja, há um mundo ao lado de outro, e desde já, infirmos, aqui, a existência ambivalente do negativo e positivo, enquanto o segundo, *janela indiscreta*, implica uma subversão do olhar, o olhar indiscreto que vetoriza o oposto, e, aqui, também leiamos o contrário do que é permitido ver; o revés, *avesso*, da ordem instituída. Logo, a proximidade - *vizinhança* – poderá cruzar-se com a *janela indiscreta* da subjetividade, obtendo uma visão singular. Mas o autor nos acode um pouco, levando-nos a questionar um pouco mais, quando diz: *Os vizinhos sempre são diferentes, embora nem sempre se reconheçam*. Ora, será preciso mesmo um olhar

especial para bem discernirmos a posição *dos vizinhos*, e, insistindo na pergunta, questionarmos: *Serão nossos iguais?*

Atento à melhor tradução para o título do filme de Alfred Hitchcock, do romance original, homônimo, de Cornell Woolrich, *Janela indiscreta*, acolhendo esta, de Rubens Figueredo, **Luiz-Olynto** diz que traduzido ao pé da letra - *Janela de trás, Rear window* -, não seria tão interessante. Sim, claro, é justa a observação do autor, o personagem, *Cornell Woolrich*, aí sabe o que diz: ver dos bastidores é um lugar de honra, daí não via de frente, era *uma tribuna de honra pelo avesso* que tinha. E **Luiz-Olynto** nos ajuda, novamente, um pouco na interpretação, dizendo que as informações obtidas nos bastidores diferenciam das do palco, por terem como objetivo *proporcionar um determinado efeito*, e, com especial sutileza na argumentação, adverte: *As informações de cocheira, como se diz no Jôquei-clube, parecem sempre mais valiosas, embora muitas vezes possam ser falsas*. Ora, perguntemos: *O que é falso, o que é verdadeiro? O Diabo cristão é mendaz, Pai das mentiras, mas sua função não é dita vital?*

Falso/verdadeiro, bem/mal, alto/baixo são valores representados na paródia carnavalesca à vida comum. Conforme explica Bakhtin, negando os valores, ela ressuscita-os e renova-os, ao mesmo tempo. Observa que, no realismo grotesco, o alto e o baixo possuem um sentido topográfico: o alto é o céu e o baixo, a terra, princípio de absorção - *o túmulo, o ventre*-, e, ao mesmo tempo, nascimento e ressurreição - *o seio materno*.

São, pois, todos esses, valores dialetizados por um certo modo de olhar. Ao olhar, *indiscretamente*, para o lado, *onde estará o vizinho? Lugar visível?* Não. Não devemos fazer igual à personagem episódica de John Michael Hayes, que, ao saber do assassinato de seu cachorrinho, sem movimento, assim grita: *Não sabem o que significa a palavra vizinho! Vizinhos se gostam, conversam, preocupam-se se estamos vivos ou mortos. Nenhum de vocês faz isso!* E, referindo-se ao *cachorrinho recém-morto*, lamenta: - *Ele era o único aqui que gostava de todos!* Ora, viajemos... assassinato... cachorrinho... E associemos: *O cão não é uma das mais conhecidas configurações para o Diabo? O Diabo não é a entidade do Mal cuja função é destruir, ou seja, matar?* Mas fiquemos atentos e não nos deixemos enganar... Como no *Fausto*, de Goethe, a função do Diabo não consiste meramente em destruir, mas, num processo dialético, destruir, sim, para construir, assim, *em transformação!* Ou seja, movimentando-se, partindo do *mesmo* ao *diferente!* Pois não é escavando no mais profundo de nós mesmos que, dessas trevas, extraímos o *mal radical* para fazê-lo vir à luz? Mefistófeles não afirmara: *Sou parte da Energia/ Que sempre o Mal pretende e o Bem sempre guia?* Ao invés de ficar gritando, paralisada, lamentando-se como fizera Fausto, trancafiado no seu quarto de estudos, não deveria - diante deste símbolo da potência destrutiva, que é seu *cão recém-morto* -, recusar a proximidade com o *Eros conservador* e, pela *janela indiscreta*, deslocando o mal, ultrapassar o simples entendimento? Mas, para isso, claro!, deveria estar como *Cornell Woolrich*, sentada *numa tribuna de honra pelo avesso!*... Ora, mais uma vez, evitemos a longa digressão... Voltemos direto ao tema da vizinhança...

O autor inquirir e redargue: *Espera-se que os vizinhos se gostem, mas para se gostar, será que precisam se conhecer? Às vezes parece melhor não! Conhecer o outro nunca é fácil! E não se trata apenas de uma dificuldade nova-iorquina. Conhecer o outro parece difícil em qualquer latitude*. De fato, não, não é fácil não. Seria preciso ter a *alma fáustica*, trazer nas veias o *sangue diabólico* que fornece a *energia vital* - *a vida activa!* Seria preciso seguir o princípio fáustico: *No princípio era a Ação*. Seria preciso

ter o *olhar indiscreto* para alcançar o *invisível*! Mas prossigamos... Falemos do tema-núcleo, o Carnaval.

Luiz-Olyntho, nesse texto, viajando de Norte a Sul, fala do Carnaval brasileiro, do Carnaval de Veneza, New Orleans, Nice, e demora-se no Carnaval uruguaio. Surpreende-se com sua duração: quarenta dias! Por certo, uma reminiscência medieval. Repassa-nos a informação de que as pessoas aí se reúnem para fazer textos divertidos, designados como *comparsas* e *murgas*, e apresentá-los nos teatros; informa-nos de que, nas *comparsas*, brancos e negros se misturam, dançando, sensualmente, o *candombe*, enquanto nas *murgas*, as pessoas se juntam para fazer uma crítica político-social, com alegria e bom humor. Conforme observa Bakhtin, o imaginário carnavalesco permite essa associação de elementos heterogêneos, aproximando o que está distante, ajudando as pessoas a se libertarem do ponto de vista dominante sobre o mundo, de todas as convenções, permitindo olhar o universo com novos olhos. Permite relativizar tudo o que existe e fazer compreender a possibilidade de uma nova ordem para o mundo. A dança dá ideia de unidade. O humor torna-se jocoso e alegre, com aspecto regenerador.

E o autor finaliza seu arguto texto, questionando: *Então? Que me dizem? É fácil conhecer os vizinhos? Será que todos usam algum disfarce, alguma máscara, como fez William Irish com o pseudônimo de Cornell Woolrich?*

Não, não. Claro que não é tão simples. E, ainda nos apoiando em Bakhtin, falemos da função da máscara: *traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo. A máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida (...).***

Ora, para conquistar tamanho feito, perguntemos: *A máscara como a obter? E, tentando responder, vou aqui imitar o autor, fazendo esta pergunta capciosa aos leitores olynthianos: Será que é preciso fazer como fez o primeiro Fausto, o Fausto sonhador: primeiro, ir tomar uma poção mágica na Cozinha das Bruxas?*

Bem, eu, também leitora olynthiana, costumo todos os anos participar do *Carnaval brasileiro, pernambucano*, e, por essa *janela indiscreta*, agindo de modo diferente da atitude da personagem de John Michael Hayes, magicamente, costumo transformar a tristeza do mundo visível em alegres e renovadoras energias que partem do mundo demoníaco invisível.

Mas este ano, confesso, vesti apenas a fantasia e fui ao monte Blocksberg, à paródica Noite de Valpurga Nórdica...

...

*Dulcinea Santos
Recife, abril 2010*

* Ver o livro *Leituras*, do autor, no qual destaca o papel da paródia, dos textos sob o texto, no espírito do dialogismo bakhtiniano.

** Mikhail Bakhtin, In *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, 2 ed., SP-Brasília: Hucitec, 1993, p35.